

A paradiplomacia como vetor de Desenvolvimento Local em Campo Grande-MS na Rota Bioceânica Capricórnio

Paradiplomacy as a vector of Local Development in Campo Grande-MS within the Capricorn Bioceanic Corridor

La paradiplomacia como vector de desarrollo local en Campo Grande-MS en la Ruta Bioceánica Capricornio

Fabio Roberto Cordeiro¹
Camilo Pereira Carneiro²

Recebido em: 30/09/2025; aceito em: 09/01/2026

DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/inter.v27i1.5166>

Resumo: Este artigo investiga o papel da paradiplomacia como ferramenta estratégica para o desenvolvimento local e a inserção internacional de entes subnacionais, destacando o caso de Campo Grande (MS), no contexto da Rota Bioceânica Capricórnio. À medida que a globalização enfraquece o monopólio estatal sobre a política externa, a atuação internacional de municípios e estados ganha relevância nas Relações Internacionais. A pesquisa, de caráter qualitativo, exploratório e descritivo, baseia-se em bibliografia especializada e documentos institucionais, buscando compreender como Campo Grande pode se posicionar como um hub logístico, econômico e cultural no corredor que conecta Brasil, Paraguai, Argentina e Chile ao Oceano Pacífico. O estudo identifica três principais tipologias de paradiplomacia – comercial, identitária e de integração regional –, observando que sua efetividade depende de fatores como capacitação burocrática, alinhamento institucional com os níveis estadual e federal, além da inserção em redes de cooperação multinível. Os resultados parciais indicam que a paradiplomacia pode dinamizar o agronegócio, atrair investimentos estrangeiros diretos, ampliar exportações de produtos com valor agregado e promover intercâmbios culturais e acadêmicos. No entanto, persistem desafios significativos, entre eles barreiras regulatórias e burocráticas, limitações financeiras e obstáculos linguísticos, que exigem estratégias de superação. Conclui-se que a paradiplomacia representa um vetor fundamental de desenvolvimento local e integração regional, sobretudo quando institucionalizada como política pública permanente no âmbito municipal. Nesse sentido, Campo Grande tem condições de deixar de ser apenas ponto de passagem da Rota para afirmar-se como centro dinâmico e articulador de oportunidades econômicas, sociais e culturais no espaço sul-americano.

Palavras-chave: paradiplomacia; desenvolvimento local; Rota Bioceânica; integração regional.

Abstract: This article investigates the role of paradiplomacy as a strategic tool for local development and the international insertion of subnational entities, focusing on the case of Campo Grande (MS) within the Capricorn Bioceanic Corridor. As globalization weakens the state monopoly over foreign policy, the international action of municipalities and states gains relevance in International Relations. This research, with a qualitative, exploratory, and descriptive approach, is based on specialized bibliography and institutional documents, aiming to understand how Campo Grande can position itself as a logistical, economic, and cultural hub in the corridor that connects Brazil, Paraguay, Argentina, and Chile to the Pacific Ocean. The study identifies three main types of paradiplomacy – commercial, identity-based, and regional integration –, noting that its effectiveness depends on factors such as bureaucratic capacity, institutional alignment with state and federal levels, and participation in multi-level cooperation networks. Partial results indicate that paradiplomacy can boost agribusiness, attract foreign direct investment, expand exports of value-added products, and promote cultural and academic exchanges. However, significant challenges remain, including regulatory and bureaucratic barriers, financial limitations, and linguistic obstacles, which require strategies to overcome. The study concludes that paradiplomacy is a key vector for local development and regional integration, especially when institutionalized as a permanent public policy at the municipal level. In this sense, Campo Grande has the potential to move beyond being merely a transit point of the Corridor to assert itself as a dynamic center and articulator of economic, social, and cultural opportunities in the South American space.

Keywords: paradiplomacy; local development; Bioceanic Corridor; regional integration.

¹ Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil.

² Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil.

Resumen: Este artículo investiga el papel de la paradiplomacia como herramienta estratégica para el desarrollo local y la inserción internacional de los entes subnacionales, tomando como estudio de caso a Campo Grande (MS) en el contexto del Corredor Bioceánico de Capricornio. A medida que la globalización relativiza el monopolio estatal sobre la política exterior, la actuación internacional de municipios y provincias adquiere mayor relevancia en el ámbito de las Relaciones Internacionales. La investigación, de carácter cualitativo, exploratorio y descriptivo, se fundamenta en bibliografía especializada y documentos institucionales, con el propósito de comprender cómo Campo Grande puede posicionarse como un hub logístico, económico y cultural en el corredor que conecta Brasil, Paraguay, Argentina y Chile con el Océano Pacífico. El estudio identifica tres tipologías principales de paradiplomacia – comercial, identitaria e integración regional –, observando que su eficacia depende de factores como la capacidad burocrática, el alineamiento institucional con los niveles estadual y federal, así como la inserción en redes de cooperación multinivel. Los resultados parciales indican que la paradiplomacia puede dinamizar el agronegocio, atraer inversión extranjera directa, ampliar las exportaciones de productos con valor agregado y promover intercambios culturales y académicos. No obstante, persisten desafíos significativos, entre ellos barreras regulatorias y burocráticas, limitaciones financieras y obstáculos lingüísticos, que requieren estrategias de superación. Se concluye que la paradiplomacia constituye un vector fundamental de desarrollo local e integración regional, sobre todo cuando se institucionaliza como una política pública permanente en el ámbito municipal. En este sentido, Campo Grande tiene condiciones para dejar de ser solamente un punto de tránsito del Corredor y afirmarse como un centro dinámico y articulador de oportunidades económicas, sociales y culturales en el espacio sudamericano.

Palabras clave: paradiplomacia; desarrollo local; Corredor Bioceánico; integración regional.

1 INTRODUÇÃO

O cenário das Relações Internacionais contemporâneas tem testemunhado uma progressiva reconfiguração, desafiando a tradicional centralidade do Estado-nação como único e soberano ator. A globalização³, impulsionada por avanços tecnológicos e a intensificação das interdependências, permitiu a emergência e a consolidação de atores não estatais, incluindo governos subnacionais – estados, províncias e, notadamente, municípios (Winter; Montenegro, 2022; Clemente, 2018). Nesse contexto, a paradiplomacia, definida como a atuação internacional de entidades subnacionais por meio de contatos permanentes, com vistas à promoção de interesses específicos e cooperação em diversas esferas, surge como um campo de estudo e prática de crescente relevância para o desenvolvimento local (Winter; Montenegro, 2022).

Nesse sentido a presente pesquisa propõe analisar como a paradiplomacia pode ser estrategicamente utilizada como instrumento para o desenvolvimento local de Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul, no âmbito da Rota Bioceânica Capricórnio. Esta Rota, que será abordada detalhadamente mais adiante, que conectará o Atlântico ao Pacífico, atravessando Brasil, Paraguai, Argentina e Chile, representa um vetor geopolítico e geoeconômico de magnitude ímpar, capaz de redefinir as dinâmicas de integração e desenvolvimento regional na América do Sul. Nesse contexto, o município de Campo Grande, posicionado como um hub logístico e cultural crucial nesse corredor, detém um potencial singular para alavancar seu desenvolvimento a partir de uma ação paradiplomática proativa.

Face ao exposto, a problemática central deste estudo reside em compreender como as capacidades e os interesses de Campo Grande, articulados por meio de estratégias paradiplomáticas, podem ser sinergicamente integrados aos fluxos e oportunidades gerados pela Rota Bioceânica Capricórnio para catalisar o desenvolvimento socioeconômico e cultural local.

³ Globalização é a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que os acontecimentos locais são modelados por eventos que ocorrem a muitas milhas de distância e vice-versa (Giddens, 1991).

Trata-se de investigar não apenas as modalidades dessa atuação, mas também os condicionantes e os mecanismos que podem maximizar sua assertividade e eficácia.

A justificativa para esta pesquisa reside na lacuna da literatura que detalha a aplicação específica da paradiplomacia para o desenvolvimento local em cidades-chave da Rota Bioceânica. Compreender os mecanismos pelos quais Campo Grande pode se internacionalizar ativamente, atraindo investimentos, promovendo exportações, fomentando o turismo e estabelecendo cooperação técnica, é fundamental para otimizar os benefícios da Rota, evitando que a cidade seja meramente um ponto de passagem. Este estudo contribui para o avanço do conhecimento em Desenvolvimento Local, Relações Internacionais e Planejamento Urbano, oferecendo *insights* práticos para gestores públicos e *stakeholders* locais.

2 METODOLOGIA

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo. O objetivo é aprofundar a compreensão sobre a aplicação da paradiplomacia como instrumento de desenvolvimento local em um contexto geográfico e geopolítico específico que abrange o município de Campo Grande (MS) no âmbito da Rota Bioceânica Capricórnio.

A metodologia no presente trabalho baseia-se primordialmente em pesquisa bibliográfica e documental. O levantamento bibliográfico foi realizado a partir de um conjunto de artigos científicos previamente selecionados e fornecidos, os quais constituem a base teórica e conceitual deste estudo. São eles: “Cooperação Regional, Paradiplomacia e o Brasil” (Winter; Montenegro, 2022); “A arte do encontro: a paradiplomacia e a internacionalização das cidades criativas” (Vieira de Jesus, 2017), “Estado e sociedade em tempos de transnacionalismo” (Marques; Dabén, 2016) Paradiplomacia y relaciones transfronterizas” (Clemente, 2018), “Paradiplomacy, Security Policies and City Networks: the Case of the Mercocities Citizen Security Thematic Unit” (Rodrigues; Mattioli, 2017).

O arcabouço teórico foi construído a partir dos conceitos extraídos da literatura, como a redefinição do paradigma estadocêntrico, a emergência da sociedade transnacional, a glocalização⁴, as tipologias de paradiplomacia (comercial, identitária, integração regional), os fatores de assertividade paradiplomática e os mecanismos de difusão/transferência de políticas. A integração desses conceitos permite uma análise multifacetada do potencial de Campo Grande.

Este estudo pode ser caracterizado como um estudo de caso conceitual, onde Campo Grande é o objeto de aplicação do arcabouço teórico da paradiplomacia. A Rota Bioceânica Capricórnio serve como o contexto macro que define as oportunidades e os desafios para essa aplicação. A pesquisa busca, assim, construir uma base argumentativa para a proposição de estratégias concretas de desenvolvimento local por meio da ação paradiplomática.

3 A PARADIPLOMACIA NO CENÁRIO GLOBAL E LATINO-AMERICANO

A compreensão da paradiplomacia exige uma ruptura com a concepção tradicional das Relações Internacionais, que, desde a Paz de Vestfália (1648), consolidou o Estado-nação como o ator exclusivo da cena global (Winter; Montenegro, 2022; Marques; Dabén, 2016). Contudo, a partir do último quartel do século XX, a intensificação da globalização – caracterizada pela

⁴ Milton Santos entende que cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente (Santos, 1996).

“immediatez” e “ubiquidade” das interações, diferentemente da mera “mundialização” histórica (Clemente, 2018), corroeu as fronteiras rígidas entre o doméstico e o internacional, impelindo a emergência de uma “sociedade transnacional”. Essa sociedade é composta por uma multiplicidade de atores não estatais que operam em redes que transcendem as jurisdições nacionais (Marques; Dabén, 2016).

A paradiplomacia refere-se a iniciativas de entes subnacionais, como províncias, regiões, estados e municípios, que se envolvem em política externa através de relações internacionais, com ou sem o suporte do governo central (Brigagão, 2005). Além disso, diversos atores, como empresas, sindicatos, movimentos sociais, ONGs e redes comunitárias, também se mobilizam para participar do cenário internacional (Keating, 2000; Abreu; Queruín, 2009).

Esses governos estão incluídos nas dinâmicas das relações internacionais como protagonistas relevantes no que diz respeito à cooperação e à integração conforme expõe Prado (2013, p. 60):

Ocorre atualmente uma crescente participação nas relações internacionais dos chamados governos subnacionais (estados-membros, províncias, regiões, länders, cantões, municípios, departamentos, etc), e esses, por sua vez, vêm desenvolvendo diversas atividades, principalmente nos campos da cooperação internacional e integração regional.

Nesse novo ambiente, a paradiplomacia surge como um termo consolidado para descrever a participação de governos subnacionais em atividades internacionais. Diferentemente de ações esporádicas, a paradiplomacia envolve contatos permanentes e institucionalizados, visando a promoção de interesses econômicos, sociais, culturais ou políticos (Winter; Montenegro, 2022). Ela não se configura como uma usurpação da política externa do Estado central, mas sim como uma complementação, muitas vezes impulsionada pela percepção de que os interesses locais não são plenamente representados ou atendidos pelas esferas nacionais (Winter; Montenegro, 2022; Clemente, 2018). As motivações para a atuação paradiplomática são diversas, levando a distintas tipologias:

Paradiplomacia Comercial: Focada na atração de recursos financeiros diretos, captação de investimentos estrangeiros e promoção de mercados para produtos e serviços locais. É um vetor de fomento do desenvolvimento econômico subnacional, com exemplos em diversas cidades que buscam modernização e crescimento (Winter; Montenegro, 2022.; Vieira de Jesus, 2017).

Paradiplomacia Identitária: Observada em contextos em que unidades subnacionais buscam fortalecer e projetar suas características culturais e linguísticas no plano internacional, buscando reconhecimento e legitimidade (Winter; Montenegro, 2022).

Paradiplomacia na Integração Regional: Onde a atuação subnacional auxilia e aprofunda processos de integração regional, preenchendo lacunas e fomentando a cooperação entre pares, como evidenciado por redes como Mercocidades (Winter; Montenegro, 2022; Rodrigues; Mattioli, 2017; Clemente, 2018).

A assertividade da paradiplomacia é influenciada por fatores como a capacitação das burocracias subnacionais, a harmonia nas relações entre os governos central e municipal, a autonomia delegada às prefeituras e o grau de interdependência da cidade no nível externo (Vieira de Jesus, 2017). O Brasil, sendo um Estado federado, apresenta um terreno fértil para a paradiplomacia. Embora não haja uma legislação explícita que a regule, tampouco existe proibição, permitindo que as unidades subnacionais celebrem acordos e convênios internacionais desde que não conflitem com as competências do Itamaraty (Winter; Montenegro, 2022). Essa flexibilidade tem permitido que cidades brasileiras, como Belo Horizonte e Curitiba, desenvolvam

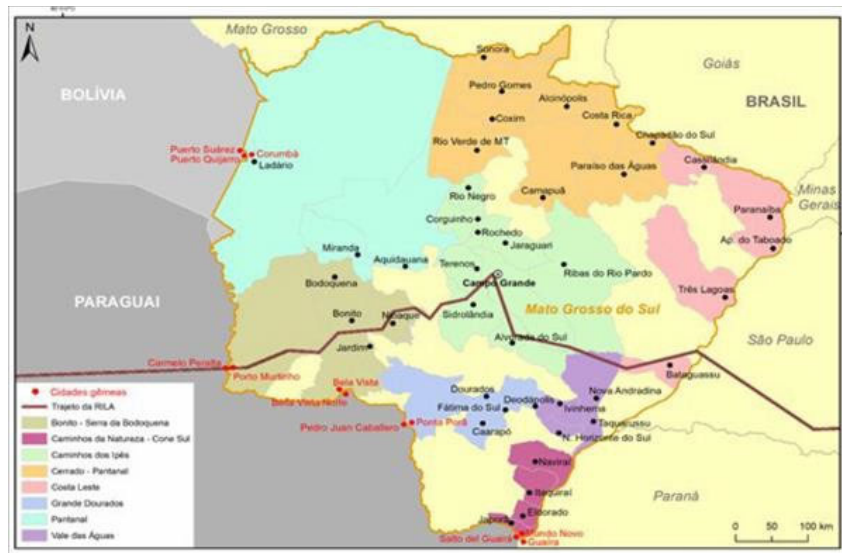
ações paradiplomáticas focadas em cooperação técnica, atração de investimentos e promoção de agendas globais (Winter; Montenegro, 2022).

A análise da paradiplomacia também se beneficia da teoria de difusão e transferência de políticas públicas. Redes de cidades, como a Unidade Temática de Segurança Cidadã das Mercocidades, demonstram como a aprendizagem e o mimetismo entre pares podem disseminar conceitos e práticas exitosas, mesmo diante de desafios financeiros e de participação (Rodrigues; Mattioli, 2017). Isso é crucial para o desenvolvimento local, pois permite que cidades como Campo Grande se inspirem em modelos bem-sucedidos e os adaptem às suas realidades.

4 A ROTA BIOCEÂNICA CAPRICÓRNIO: OPORTUNIDADES E DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL

A Rota Bioceânica Capricórnio é um corredor multimodal crucial que estabelece uma ligação entre a região Centro-Oeste do Brasil e o Oceano Pacífico, passando por Paraguai, Argentina e Chile. Essa rota promete reduzir o tempo de transporte para o comércio com a Ásia e o Pacífico, além de oferecer alternativas ao Canal do Panamá. De acordo com documentos oficiais do Governo Federal (Relatório Rotas de Integração [Brasil, 2024]), há previsão de investimentos e obras em trechos significativos em Mato Grosso do Sul, que apontam para um aumento potencial nas exportações através do Porto Murtinho e outros centros logísticos do estado. Esses documentos destacam a importância do MS nesse corredor e as oportunidades de vantagem competitiva para os municípios situados ao longo da rota.

Figura 1 – Mapa da Rota Bioceânica Capricórnio



Fonte: Amaral *et al.* (2023).

A Rota Bioceânica Capricórnio conectará o Porto de Santos (Brasil) e portos do Chile (principalmente Antofagasta e Iquique) através de territórios do Paraguai e Argentina. Este corredor logístico não é apenas uma infraestrutura física; é um catalisador de transformações socioeconômicas, culturais e políticas para as regiões que atravessa.

Para o Brasil, a Rota representa uma alternativa crucial ao Canal do Panamá, encurtando distâncias e tempos de viagem para o comércio com a Ásia e o Pacífico. Ela promete impulsionar

o agronegócio e a produção industrial do Centro-Oeste brasileiro, facilitando o acesso a novos mercados consumidores. Contudo, seus benefícios transcendem o aspecto meramente comercial. A Rota tem o potencial de: 1) Dinamizar Economias Locais: Ao conectar cidades e regiões, a Rota pode estimular a criação de novos negócios, o desenvolvimento de serviços logísticos, turísticos e de apoio, gerando emprego e renda ao longo de seu percurso; 2) Fomentar a Integração Social e Cultural: A facilitação da circulação de pessoas e bens promove o intercâmbio cultural, a aproximação entre povos e o fortalecimento de identidades regionais compartilhadas, alinhando-se com a noção de “glocalização” (Clemente, 2018); 3) Impulsionar o Desenvolvimento de Infraestrutura: A necessidade de adequação da malha viária, portuária e ferroviária, bem como a melhoria de serviços básicos, atrairá investimentos e modernizará a infraestrutura regional.

Vale ressaltar que o governador Eduardo Riedel de Mato Grosso do Sul promulgou a Lei n. 6.244 (Mato Grosso do Sul, 2024), que declara a Região de Tarapacá – Chile estado irmão de Mato Grosso do Sul, incluindo as duas províncias de Iquique e Tamarugal. Os entes subnacionais poderão assinar acordos, intercâmbios e convênios de cooperação unilateral e/ou bilateral, dos assuntos que estão observado nestas leis, são no âmbito político, socioeconômico, empresarial, turístico, bem como no didático, técnico-científico e cultural. Fortalecendo assim, a ação paradiplomática entre ambos os governos subnacionais.

Entretanto, a Rota Bioceânica também apresenta desafios significativos que necessitam de uma gestão cuidadosa: a) Assimetrias Regionais: As diferentes realidades socioeconômicas e níveis de desenvolvimento entre as regiões e países envolvidos podem gerar assimetrias na distribuição dos benefícios, exigindo políticas compensatórias e equitativas; b) Barreiras Regulatórias e Burocráticas: A harmonização de legislações aduaneiras, sanitárias e de transporte entre quatro países é um processo complexo que demanda cooperação e negociação contínuas; c) Impactos Socioambientais: O desenvolvimento da infraestrutura e o aumento do fluxo de pessoas e mercadorias podem gerar impactos ambientais (desmatamento, poluição) e sociais (pressão sobre serviços públicos, deslocamento de populações) que precisam ser mitigados por meio de planejamento e monitoramento rigorosos. A superação desses desafios e a maximização das oportunidades dependem crucialmente da atuação coordenada e estratégica de todos os níveis de governo, incluindo, e talvez principalmente, os atores subnacionais. É nesse ponto que a paradiplomacia se revela um instrumento indispensável.

5 CAMPO GRANDE (MS) COMO HUB ESTRATÉGICO: POTENCIAL PARADIPLOMÁTICO

Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul, emerge como um nó central na Rota Bioceânica Capricórnio no lado brasileiro. Sua posição geográfica estratégica, infraestrutura logística em expansão (aeroporto internacional, rodovias de grande porte) e o potencial do agronegócio a qualificam para ser um verdadeiro *hub* de conexões internacionais. No entanto, para além de ser um ponto de passagem, Campo Grande possui um potencial latente para ser um polo de desenvolvimento local, impulsionando sua economia e elevando a qualidade de vida de sua população por meio de ações paradiplomáticas. Isso também, se deve pelo fato de haver o primeiro escritório comercial da Região de Tarapacá no Chile, que foi inaugurado em julho de 2023 (Portela; Gomes, 2023).

O potencial paradiplomático de Campo Grande pode ser analisado sob diversas perspectivas, inspirando-se em casos bem-sucedidos de internacionalização de cidades criativas, conforme

discutido por Vieira de Jesus (2017), Embora Campo Grande não seja primariamente conhecida como uma “cidade criativa” no sentido de Barcelona ou Toronto, ela pode desenvolver *clusters* econômicos e culturais que se beneficiem da Rota.

5.1 Paradiplomacia Comercial e Atração de Investimentos

Campo Grande pode, por meio de sua ação paradiplomática comercial, focar na atração de investimentos estrangeiros diretos (IED) para setores estratégicos. O agronegócio, com sua vasta cadeia produtiva (da matéria-prima à agroindústria), é um carro-chefe natural. A cidade pode promover ativamente suas qualidades locais, como mão de obra qualificada, infraestrutura de apoio e regime fiscal favorável, para atrair empresas que busquem acesso facilitado aos mercados da Ásia via Pacífico, ou aos mercados dos parceiros da Rota. Isso se alinha à busca por captação de recursos financeiros e divulgação de qualidades locais para atração de investidores (Vieira de Jesus, 2017).

Além disso, a promoção de exportações de produtos com valor agregado, como carne de alta qualidade, biocombustíveis e produtos da agricultura familiar, pode ser facilitada por missões comerciais paradiplomáticas, estabelecendo contatos diretos com potenciais compradores e distribuidores nos países parceiros da Rota, ou mesmo em mercados mais distantes acessíveis pelos portos chilenos.

5.2 Integração em Redes e Governança Multinível

A participação ativa em redes de cidades e a busca por governança multinível são cruciais. Campo Grande já faz parte de iniciativas como a Mercocidades, cuja experiência da Unidade Temática de Segurança Cidadã (Rodrigues; Mattioli, 2017) demonstra o potencial de difusão de políticas públicas via aprendizagem e mimetismo. Campo Grande pode se inspirar na experiência da Zicosur (Zona de Integração do Centro Oeste da América do Sul), onde cidades e regiões de diferentes países cooperam em temas como comércio e infraestrutura, mesmo em contextos de relações estatais desafiadoras (Clemente, 2018).

A criação ou fortalecimento de um fórum de prefeitos e gestores municipais das cidades ao longo da Rota Bioceânica seria um passo estratégico. Esse fórum poderia atuar como um espaço de coordenação, troca de experiências e articulação de demandas conjuntas junto aos governos centrais e organismos internacionais. A busca por cooperação técnica externa para requalificação de espaços urbanos, com base em modelos como o de Barcelona pós-Olimpíadas (Vieira de Jesus, 2017), pode ser um caminho para melhorar a infraestrutura e os serviços públicos de Campo Grande.

5.3 Diplomacia Urbana e Cultural

A Rota Bioceânica oferece uma oportunidade ímpar para Campo Grande desenvolver sua diplomacia urbana e cultural. A promoção do turismo, valorizando a cultura pantaneira, a culinária local e o ecoturismo, pode ser um pilar de desenvolvimento. Iniciativas de intercâmbio cultural, acadêmico e esportivo com cidades parceiras da Rota podem fortalecer laços, gerar fluxo de visitantes e estimular a economia criativa local. A exemplo de como o município do Rio de Janeiro buscou internacionalizar sua economia criativa via megaeventos (Vieira de Jesus, 2017),

Campo Grande pode organizar eventos temáticos ligados à Rota, como feiras multiculturais ou festivais de gastronomia, que atraiam visitantes e investidores.

5.4 Desafios e Recomendações para a Assertividade Paradiplomática

A paradiplomacia, compreendida como a atuação internacional de entes subnacionais em busca da promoção de seus interesses específicos, apresenta-se como um campo estratégico no cenário contemporâneo das Relações Internacionais. No caso de Campo Grande-MS, situada em posição privilegiada no contexto da Rota Bioceânica Capricórnio, a assertividade de suas ações paradiplomáticas depende da superação de desafios institucionais, burocráticos, culturais e financeiros, bem como da implementação de medidas que fortaleçam sua capacidade de inserção internacional.

No que se refere a capacidade burocrática a eficiência da paradiplomacia em Campo Grande está intimamente ligada à competência técnica dos seus servidores administrativos. Estudos demonstram que cidades que priorizam a formação em Relações Internacionais, Comércio Exterior e Gestão de Projetos Internacionais conseguem atrair mais investimentos e firmar parcerias sólidas (Vieira de Jesus, 2017). Nesse contexto, é essencial implementar programas contínuos de capacitação para os funcionários municipais, além de estabelecer colaborações com universidades e centros de pesquisa da região, garantindo uma estrutura burocrática qualificada para enfrentar os desafios da participação global.

Quanto ao alinhamento institucional existe um desafio adicional, o qual surge na necessidade de harmonizar a atuação paradiplomática de Campo Grande com os interesses do governo estadual e a política externa do Brasil. A falta de mecanismos de coordenação bem definidos pode levar a conflitos de atribuições e à diminuição da credibilidade no cenário internacional. Assim, é recomendável a formação de comitês interinstitucionais permanentes, que possam facilitar a articulação de ações entre o município, o estado e a União, garantindo uma abordagem estratégica coerente. Esse alinhamento não apenas previne sobreposições, mas também fortalece a capacidade de negociação de Campo Grande no âmbito internacional, ao apresentar uma ação unificada e organizada (Winter; Montenegro, 2022).

Há que se relevar quanto a harmonização regulatória local, isto porque no âmbito local, a ausência de marcos regulatórios específicos constitui um obstáculo à plena integração de Campo Grande nas redes internacionais. Regulamentações que simplifiquem a cooperação transfronteiriça, reduzam entraves burocráticos e incentivem a atração de investimentos estrangeiros diretos são imprescindíveis. A harmonização de normas municipais com padrões regionais e internacionais pode acelerar processos de exportação, logística e circulação de pessoas e bens. Assim, a modernização institucional deve ser vista como um investimento estratégico de longo prazo, capaz de consolidar a cidade como um hub regional.

Outro ponto a se considerar é a superação de barreiras culturais e linguísticas, estas têm o poder de conexão regional por meio da Rota Bioceânica que vai além dos aspectos econômicos; inclui também trocas sociais e culturais. A diferença de idiomas, especialmente em relação aos países de língua espanhola, representa um desafio significativo. Incentivar o ensino da língua espanhola nas escolas municipais, juntamente com programas de intercâmbio cultural e acadêmico, é essencial para promover a compreensão entre as nações (Clemente, 2018). Além disso, ações que destaquem e promovam a cultura do Pantanal no cenário internacional podem fortalecer a identidade de Campo Grande como um centro cultural no corredor bioceânico.

Assim, o financiamento e a sustentabilidade de projetos por meio da paradiplomacia em Campo Grande está diretamente ligada à disponibilidade de recursos financeiros para implementar projetos estratégicos. Dada a restrição orçamentária da cidade, é fundamental buscar investimento em instituições de desenvolvimento regional, como o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e o Banco de Desenvolvimento da América Latina (CAF), além de formar parcerias com agências internacionais (Winter; Montenegro, 2022). A captação de recursos deve ser gerida de forma transparente e eficaz, garantindo a credibilidade de Campo Grande perante parceiros internacionais e investidores do setor privado.

Por fim, a Rota Bioceânica Capricórnio não é apenas uma rodovia; é uma oportunidade para Campo Grande redefinir seu papel no cenário regional e internacional, transformando-se em um polo de desenvolvimento dinâmico e interconectado, com a paradiplomacia como sua principal ferramenta estratégica de desenvolvimento regional, e também local, de maneira que o município de Campo Grande possa se tornar um centro vibrante de progresso, conectando interesses econômicos, sociais e culturais. Para isso, é fundamental que a administração municipal veja a paradiplomacia não como uma iniciativa isolada, mas sim como uma política local de Estado que seja contínua e institucionalizada.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A paradiplomacia em Campo Grande-MS, no âmbito da Rota Bioceânica Capricórnio, revela uma dualidade: por um lado, surgem possibilidades devido à sua localização geográfica vantajosa e às atuais dinâmicas de integração regional; por outro, há os desafios institucionais, culturais e econômicos que ainda restringem o pleno desenvolvimento de sua atuação no cenário internacional.

Primeiramente, constatou-se que a formação burocrática desempenha um papel crucial. Na ausência de profissionais qualificados para gerenciar negociações internacionais, projetos transnacionais e a captação de investimentos, as iniciativas paradiplomáticas tendem a ser esporádicas e pouco eficazes. O desenvolvimento de uma burocracia especializada, com o suporte de instituições de ensino superior e centros de pesquisa, deve ser encarado como uma estratégia de investimento a longo prazo.

Em segundo plano, ressaltou-se a relevância da congruência institucional. A paradiplomacia em nível municipal não deve prosperar em desacordo com a política externa do país. Na verdade, sua efetividade é condicionada à complementaridade e à sinergia entre os diversos níveis governamentais. A instituição de mecanismos de governança multinível, como encontros de prefeitos e comitês interinstitucionais, proporcionaria maior coesão e legitimidade às ações de Campo Grande.

Um aspecto fundamental é a integração das regulamentações. Obstáculos administrativos e normas desatualizadas ainda tornam complicado o movimento de pessoas, produtos e investimentos. A falta de modernização das leis locais e sua sincronização com padrões regionais e globais fará com que Campo Grande enfrente desafios para se estabelecer como um centro logístico competitivo na rota bioceânica.

A vertente cultural e linguística deve ser devidamente considerada. A falta de uma estratégia eficaz para o ensino de línguas estrangeiras, em especial do espanhol, restringe a participação da cidade em iniciativas de colaboração com nações próximas. Nesse contexto, iniciativas

governamentais que incentivem o bilinguismo, juntamente com o reforço da identidade cultural do Pantanal, podem impulsionar a imagem de Campo Grande.

Portanto, a paradiplomacia de Campo Grande-MS, no contexto da Rota Bioceânica Capricórnio, constitui-se como vetor estratégico para o desenvolvimento local e regional, desde que enfrentados desafios estruturais como a capacitação burocrática, o alinhamento institucional com o governo estadual e federal, a harmonização regulatória, a superação de barreiras culturais e linguísticas e a busca por financiamento internacional. O estudo conclui que a efetividade dessa atuação exige que a paradiplomacia seja institucionalizada como política pública local, garantindo continuidade e coerência, de modo que Campo Grande deixe de ser apenas um ponto de passagem e se consolide como hub logístico, econômico e cultural de relevância na integração sul-americana.

REFERÊNCIAS

ABREU, M.; QUERUBIN, P. A cidade de São Paulo e o paradoxo da paradiplomacia. In: RODRIGUES, G. M. A.; XAVIER, M.; ROMÃO, W. M. (Org.). *Cidades em relações internacionais: análises experiências brasileiras*. São Paulo: Desatino, 2009.

AMARAL, V. V.; GRECHI, D. C.; SILVA, R. C.; PEQUENO, E. A. Gestão de recursos públicos no turismo: análise dos investimentos do MTur em Mato Grosso do Sul. *Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, 2023.

BRASIL. Ministério do Planejamento e Orçamento. *Rotas de Integração Sul-Americana - Relatório 2024*. Brasília, DF: Secretaria de Articulação Institucional/MPO, 2024.

BRIGAGÃO, C. Relações internacionais federativas no Brasil: estados e municípios. Rio de Janeiro: Ed. Gamma, 2005.

CLEMENTE, I. Paradiplomacia y relaciones transfronterizas. *Civitas – Revista de Ciências Sociais*, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 319–331, jul./set. 2018.

GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.

KEATING, M. *Paradiplomacia: las relaciones internacionales de las regiones*. Madri: Marcial Pons, 2000.

MARQUES, T. C. S.; DABÉN, O. Estado e sociedade em tempos de transnacionalismo. *Civitas – Revista de Ciências Sociais*, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 355–362, jul./set. 2016. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2016.3.25873>

MATO GROSSO DO SUL. Lei n. 6.244, de 20 de maio de 2024. Declara a região de Tarapacá, norte do Chile, Estado Irmão de Mato Grosso do Sul, e dá outras providências. *Diário Oficial do Estado*: Governo do Estado de Mato Grosso do Sul, 2024.

PORTELA, R.; GOMES, A. Escritório chileno é inaugurado em Campo Grande para a Rota Bioceânica. *Midiamax*, Campo Grande, MS, 7 jul. 2023. Política. Disponível em: <https://midiamax.com.br/politica/2023/escritorio-chileno-e-inaugurado-em-campo-grande-apos-acordo-de-cooperacao/>. Acesso em: 9 set. 2025.

PRADO, H. S. A. *Inserção dos atores subnacionais no processo de integração regional: o caso do Mercosul*. Dourados: Ed. UFGD, 2013.

RODRIGUES, G. M. A.; MATTIOLI, T. Paradiplomacy, Security Policies and City Networks: the Case of the Mercocities Citizen Security Thematic Unit. [Special Issue Global Cities, Global (in)Securities].

Contexto Internacional, Rio de Janeiro, v. 39, n. 3, dez. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-8529.2017390300006>

SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

VIEIRA DE JESUS, D. S. A arte do encontro: a paradiplomacia e a internacionalização das cidades criativas. *Revista Brasileira de Política Internacional*, Revista de Sociologia e Política, Curitiba, v. 25, n. 61, p. 51–76, mar. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/1678-987317256104>

WINTER, L. A. C.; MONTENEGRO, J. F. Cooperação regional, paradiplomacia e o Brasil. *Revista Jurídica Unicuritiba*, Curitiba, v. 3, n. 70, p. 363–86, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.26668/revistajur.2316-753X.v3i70.5988>

Sobre os autores:

Fabio Roberto Cordeiro da Silva [Autor para contato]: Doutorando em Desenvolvimento Local pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Mestre em Desenvolvimento Regional e Sistema Produtivos pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Especialização em Gestão e Governança Pública pela Faculdade Focus e em Comércio Exterior pelo Instituto Superior de Educação Ateneu. Graduado em Relações Internacionais pela Universidade Federal da Grande Dourados. Graduado em Ciências Jurídicas pelo Centro Universitário da Grande Dourados. Membro do grupo de estudos do ObservaRota. **E-mail:** frcordeiro.ri@gmail.com, **ORCID:** <https://orcid.org/0009-0002-9245-1003>

Camilo Pereira Carneiro: Pós-doutorado em Estudos Estratégicos Internacionais pela UFRGS. Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com doutorado-sanduíche pela Universidade Paris 1, Panthéon-Sorbonne. Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Bacharel e licenciado em Geografia e Meio Ambiente pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e bacharelado em Direito pela PUC-Rio. Professor Adjunto, Classe C, Nível 1, da Universidade Federal de Goiás (UFG), professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFG (PPGeo), vice-líder do grupo de pesquisa LABETER – Laboratório Estado e Território – Gestão, regiões e fronteiras (UFRGS), membro do LABOTER (Laboratório de Estudos e Pesquisa das Dinâmicas Territoriais – Instituto de Estudos Socioambientais [IESA/UFG]), do LAFRONT (UNIOESTE) e do POTEDES (UNIFAP). Coordenador do grupo de estudos Limes – Geopolítica e Fronteiras (UFG). **E-mail:** camilo.pereira@ufg.br, **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0001-7229-1298>

Editores Avaliadores do artigo: Arlinda Cantero Dorsa, Milton Mariani e Emerson Corazza

Editores-chefes Responsáveis pelo artigo: Arlinda Cantero Dorsa e George Henrique de Moura Cunha

Disponibilidade de dados

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.